

C. Pomo 14/8/80
462
C M 13.5.53
RN m. 83

CARTA SEM NOTÍCIAS

NÃO pense, minha querida amiga, que não lhe escrevi antes por falta de lembrança. Apenas tenho deixado para depois, talvez com um vago ressentimento carinhoso por você ter viajado como quem diz: “Ela deve estar pouco ligando para o que acontece comigo e com os outros aqui; viajar é uma espécie de traição; ela nos traiu.”

Não digo que tenha pensado isso, mas com certeza senti êsse despeito infantil que temos de quem viaja, e só agora tomo consciência disso. E’ talvez por causa dêsse vago sentimento que todo reencontro tem um certo sabor de reconciliação. Lembro-me de Newton Freitas, sempre que há uma grande mesa em que se encontram velhos amigos dizer, com mau sotaque lusitano: “Enfim, cá estamos todos!” Frase vulgar que êle atribui a um seu amigo português, e que dá a um grupo a consciência de ser um grupo no tempo e no espaço.

Veja você como sou sentimental em coisas de amizade. Mas o certo é que a vida nos ensina sobretudo a solidão, embora, como é o meu caso, uma pessoa seja fortemente gregária. Não é preciso haver uma viagem; mesmo no dia-a-dia de uma cidade, há pessoas que partem imperceptivelmente, que se desligam de nós tão devagar que os dois sentem surpresa quando reparam que, de íntimos, se transformaram em quase estranhos. Isso é que dá um ar pungente e ao mesmo tempo falso a velhas fotografias de grupos. Sentimos uma espécie de humilhação misturada de tristeza

e também de alívio ao nos vermos ali, naquele grupo tão ligado pela amizade e pelo amor — hoje disperso. Aquêlê casal já se separou, aquela bela mulher que amamos hoje é apenas uma lembrança meio triste e quase tediosa, aquêlê amigo íntimo sumiu. Às vêzes isso acontece, como no verso de Vinícius de Moraes, “de repente, não mais que de repente”, e então todos têm a consciência do que aconteceu — quando, por exemplo, pensamos com que turma passaremos o carnaval; às vêzes a desagregação é lenta e sutil.

Ainda bem, minha amiga, que há velhas ternuras que sobrevivem a tudo, velhos carinhos que mantêm, no deserto tumultuoso da vida, o pequeno sinal luminoso da fidelidade. Serão afinal, melancólicas, pois a vida nos muda a todos, e a cada um de um jeito; mas essa melancolia não deixa de ser reconfortante. A certa altura vemos que a vida é curta, e longo o sentimento; então um senhor como eu, de natural corriqueiro e frívolo, se surpreende, como neste momento, a escrever a uma bela dama frases maçantes de filosofia trivial, no lugar de lhe contar as coisas e amôres do Rio — quem teve filho, quem está rico ou vai falir, quem casou ou descasou, quem traiu, quem morreu. O Braga hoje não está noticioso, está em balanço. Logo na hora de escrever para você, que já disse gostar de mim porque sou “bem mexeriqueiro”!

Vou tomar alguma coisa, para soerguer êste fraco moral; beijo-lhe as mãos, minha beleza. Adeus.